

ónio Almeida

Acima de tudo, vigia-se!”

voar. E estatela-se.

Já agora, no mundo anglo-americano, o termo corrente para “intelectual” é “pundit”, que tem com frequência um sentido negativo pelo facto de o “pundit” muitas vezes ser um especialista numa área mas pronunciar-se também sobre temas fora dela.

Aprofundar os debates é mais difícil na era das redes sociais e da desinformação?

Obviamente que quem escreve nas redes sociais também pensa e está a tentar exercer o seu poder de influência.

Do meu ponto de vista, o problema está no facto de a própria estrutura e funcionamento das redes promover a conversa superficial.

Concomitante com esse aspeto, as redes consomem muito do dia das pessoas deixando-as com pouco espaço para ler, ou estudar com alguma profundidade temas sobre os quais discorrem quotidianamente.

Pior ainda, muitos dos assuntos sobre que se ocupam são tremendamente triviais.

Mesmo as pessoas que se preocupam com escolher textos de qualidade perdem demasiadas horas, pois não é fácil pescar em águas turvas. E é dessas águas turvas que se aproveitam aquelas que usam a internet para manipular indivíduos e mesmo massas, com consequências perniciosas como temos observado.

Mas eu não deveria pronunciar-me sobre isto pois não estou em nenhuma rede social, embora me afaste delas precisamente pelo facto de ter algum conhecimento do que se passa (e de que resulta esta minha opinião).

Neste novo mundo, as Humanidades precisam de ser defendidas? “São uma inutilidade mais do que necessária”, disse numa palestra por ocasião do 42º aniversário do Instituto de Letras e Ciências Humanas da Universidade do Minho.

Sim, porque apenas uma parte da nossa vida cai sob a alçada do empírico-racional.

No fundo, somos animais emotivos com crenças e valores que procuramos defender.

Todo esse universo cai fora da alçada das ciências e, para se lidar com os valores, nada como ter uma profunda consciência histórica que inclui um conhecimento do que os mais brilhantes humanos nos ofereceram em termos de reflexão sobre a vida.

Não quero com isto significar que uma pessoa simples, com pouca instrução académica, não tenha valores. Refiro-me às pessoas que estão integradas no processo mais vasto das

estruturas sociopolíticas e que têm outras obrigações por inerência dos cargos que ocupam.

Nessa conferência citava o ensaio de Abraham Flexner “A utilidade do inútil”, no qual o autor dizia: “As instituições de ensino deviam dedicar-se à educação da curiosidade”. Estamos a perder a curiosidade?

Não creio que estejamos a perder a curiosidade. Bem, já Garcia de Orta, no seu “Colóquios dos Simples”, se queixava de os portugueses não terem curiosidade. Não creio que nos falte curiosidade, todavia poderá faltarnos a curiosidade de saber mais sobre assuntos que realmente importam. As pessoas que espreitam as vizinhas também têm curiosidade.

Mas, mesmo aí, julgo que Portugal tem melhorado imenso. Quando comparo o Portugal de hoje com aquele em que fui educado há 60 anos, não posso deixar de reconhecer que há muito espírito de curiosidade aplicado a importantes temas. Poderei, é certo, dizer que não é uma atitude tão generalizada como noutros países que conheço, contudo gostaria de evitar generalizações que não posso demonstrar empiricamente.

Existe hoje uma crise da responsabilidade e responsabilização? No seu ensaio “O futuro já não é o que era, mas terá de ser melhor do que promete”, diz assim: “Hoje, na Internet, é como se todos pudéssemos atuar como o pastor da história de Platão, agindo anonimamente sem receio de sermos responsabilizados”.

Nas redes sociais, eu diria que sim. Segundo essa metáfora de Platão, quando a pedra do anel de Gíges estava voltada para dentro, Gíges ficava invisível e por isso poderia fazer o que quisesse sem o risco de ser apanhado.

A invisibilidade na internet proporcionada pelo anonimato permite às pessoas não terem de mostrar a cara em público e assim darem largas aos mais básicos instintos da natureza humana escrevendo horrores nas redes sociais e nas secções de comentários dos jornais e revistas online.

Não foi o mundo que piorou, foi a tecnologia que agora oferece voz às pessoas que antigamente, por razões de toda a ordem, reprimiam a exteriorização e expressão de instintos baixos. E sem por isso sofrerem qualquer sanção.

No mesmo texto, escreve: “Leio Nietzsche há quase meio século, e nunca imaginei que um dia havia de ver em carne e osso a caricatura do super-homem”. É isso a que hoje assistimos?

É verdade. Nunca imaginei que fosse possível num país como os EUA uma figura como Trump ser eleito Presidente.

Esta minha afirmação nada tem que ver com ideologia política, mas com valores.

Aquilo que hoje está mais do que demonstrado sobre essa incarnação do suposto super-homem foi mais do que óbvia a quem seguiu e observou atentamente as eleições.

Trump eleva ao máximo expoente os piores valores que Maquiavel apontou como parte da estratégia do Príncipe para atingir e se manter no poder; contudo ele acrescentou-lhe a nova dimensão nietzscheana de que um ser humano se autodefine como quer e entende, construindo a sua verdade de modo a exercer o seu poder sobre o rebanho.

A Internet permitiu-lhe acesso aos meios manipuladores. A auto-imagem por ele fabricada foi espertalhona e empacotada para consumo das massas que acreditaram (porque disso precisavam) num Salvador.

Hoje está à vista de quem quiser ver (não falta quem recuse admiti-lo) aquilo que se via de fora e que até mesmo os seus colaboradores de perto viam, mas procuravam, por razões diversas, esconder.

O problema é que o exemplo ficou aí disponível para qualquer aprendiz seguir. E não têm faltado imitadores.

Que leitura faz da invasão do Capitólio dos Estados Unidos, a 6 de janeiro de 2021, e do assalto a Brasília, a 8 de janeiro deste ano?

O 11 de setembro demonstrou que até um país como os EUA é fisicamente vulnerável.

O 6 de janeiro acrescentou outra dimensão: as estruturas políticas da mais antiga democracia moderna também são vulneráveis.

Tudo isso era impensável para um veterado otimista como eu.

Com os anos, tenho vindo a insistir na importância de se prestar atenção ao que a biologia e a psicologia evolutiva (antigamente chamada sociobiologia) têm vindo a demonstrar acerca do ser humano e que a psicologia inglesa desde Locke, Hobbes e Hume, bem como a literatura, nomeadamente a partir de Shakespeare, têm sido exímias em explorar e demonstrar.

Falei sobre isso num livrinho intitulado “De Marx a Darwin” (Gradiva, 2010).

O importante, porém, será vermos se as estruturas políticas norte-americanas conseguirão ser suficientemente fortes para impedir que nos apareça um dia uma versão Trump 2.0.

Neste momento, o que temos é um livro aberto e tudo pode acontecer.

Quanto ao Brasil, há naturalmente muitas diferenças relativamente ao 6 de janeiro em Washington, DC, mas as semelhanças estão patentes à vista desarmada.

“Os Democratas Destruíram a Democracia?”. Esta pergunta toma de empréstimo o título de um livro do autor João Maurício Brás.

Tenho trocado impressões sobre isso com o João Maurício Brás, pessoa que muito respeito e estimo.

Em minha opinião, a democracia não foi, e sobretudo não podemos deixá-la vir a ser, destruída pelos exageros de alguns grupos intitulados democratas.

Fenómenos destes poderiam ocorrer em Portugal?

Depois do que vi acontecer nos EUA e no Brasil, a minha resposta é: claro que sim.

Gostamos de gabar-nos dos brandos costumes e esquecemo-nos da escravatura e da Inquisição. Para além de que temos uma antiga pecha de gostar de imitar o que vem de fora.

E onde está o poder de Portugal? Aliás, Portugal é um país com poder?

É um entre cerca de duas centenas de países.

Por jogar agora na seleção da Europa, tem muito mais poder e visibilidade. Passámos, é certo, a ter muito mais poder desde que entrámos nessa equipa; no entanto, a Europa hoje é uma equipa com 27 elementos e nós só aqui e ali entramos no 11 que joga de facto.

Por isso há que ter o sentido das proporções. As nossas passadas aventuras de Quatrocentos e Quinhentos não se repetem. Os tempos são outros.

Entende-se melhor o país estando longe?

De fora, tem-se uma vista de avião: vê-se a floresta. Quem está dentro, vê árvores.

Do exterior, é mais fácil comparar com outras florestas e notar matizes predominantes diferentes.

Quem observa de dentro vê seres humanos iguais a quaisquer outros na luta pela sobrevivência entre si e contra uns quantos que lutam pela supremacia.

Uma casa vista do interior é diferente da que se contempla do exterior, mas ambas são realidade e complementam-se.

Na verdade, cada lado perde facetas importantes dos detalhes e do conjunto. Como facilmente fica demonstrado nestas minhas repostas para quem me ler em Portugal.